

TÍTULO OS TRÊS D DOS MEDIA:

DESIGUALDADE, DESPROFISSIONALIZAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO JOSÉ NUNO MATOS, FILIPA SUBTIL, CARLA BAPTISTA

AUTORES ELSA COSTA E SILVA, VASCO RIBEIRO, JOSÉ LUÍS GARCIA, SARA MEIRELES GRAÇA, CARLA MARTINS, FILIPA SUBTIL, MARIA JOÃO SILVEIRINHA, RITA BASÍLIO DE SIMÕES, JOSÉ NUNO MATOS, CARLOS CAMPONEZ, MADALENA OLIVEIRA, NELSON SILVA, TIAGO QUINTANILHA, JOAQUIM FIDALGO, DIOGO SILVA DA CUNHA, JOANA RAMALHO, JACINTO GODINHO, PAULO PENA, JOSÉ REBELO, CARLA BAPTISTA, PEDRO COELHO, MARISA TORRES DA SILVA, SANDRA MONTEIRO E JOÃO MIRANDA.

ISBN

978-989-54882-7-8

1ª EDIÇÃO

Abril 2021

CAPA E PAGINAÇÃO

André Luz

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Nuno Domingos, Ana Estevens, Bruno Monteiro, João Baía, Nuno Medeiros,  
João Luís Lisboa, Débora Dias, João Queirós, Franco Tomassoni

EDITORA

Outro Modo Cooperativa Cultural

N. DL:

483871/21

IMPRESSÃO

Tipografia Lousanense, Lda. Lousã

Le Monde Diplomatique - edição portuguesa

mail: livros.lmd.pt@gmail.com

facebook.com / Edições Outro Modo

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

© Outro Modo, 2021

# OS TRÊS D DOS MEDIA: DESIGUALDADE, DESPROFISSIONALIZAÇÃO E DESINFORMAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

JOSÉ NUNO MATOS  
FILIPA SUBTIL  
CARLA BAPTISTA

## ÍNDICE

- 09 INTRODUÇÃO  
José Nuno Matos, Filipa Subtil e Carla Baptista
- 17 I – UM NOVO ECOSISTEMA MEDIÁTICO
- 19 PROPRIEDADE DOS MEDIA EM PORTUGAL:  
DA CONCENTRAÇÃO À CRISE  
Elsa Costa e Silva
- 33 JORNALISMO E PROPAGANDA: PELA MANUTENÇÃO DAS  
TRINCHEIRAS NA GUERRA PELA CONQUISTA DA OPINIÃO PÚBLICA  
Vasco Ribeiro
- 42 O CAPITALISMO DE PLATAFORMA E O JORNALISMO SOB A AMEAÇA  
DA TECNO-MERCANTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO (RELOADED)  
José Luis Garcia e Sara Meireles Graça
- 55 II – GÉNERO: DESIGUALDADES DE UMA CONDIÇÃO
- 57 QUEBRARAM-SE BARREIRAS INVISÍVEIS OU A IGUALDADE  
DE GÉNERO CONTINUA A SER O ELEFANTE NA SALA?  
Carla Martins
- 65 PROFSSIONALIZAÇÃO E DESPROFISSIONALIZAÇÃO  
DAS JORNALISTAS EM PORTUGAL: UMA REVISITAÇÃO EM TEMPOS  
DE PANDEMIA  
Filipa Subtil e Maria João Silveirinha
- 80 LUZES E SOMBRAS: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA  
CONTRA AS MULHERES EM CONTEXTOS DE INTIMIDADE  
NOS MEDIA INFORMATIVOS  
Rita Basílio de Simões

- 97 III – TRABALHO: PRECARIIDADE E DESPROFISSIONALIZAÇÃO
- 99 PARA UMA ECONOMIA POLÍTICA DO ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS DE INGRESSO NO JORNALISMO ENTRE EX-JORNALISTAS  
José Nuno Matos
- 113 PRECARIIDADE E EXPECTATIVAS NO JORNALISMO. O OCASO DE UMA PROFISSÃO?  
Carlos Camponez e Madalena Oliveira
- 123 O PREVPAP NA RTP: QUANDO LUTAR VALE A PENA  
Nelson Silva
- 129 IV – TECNOLOGIAS DIGITAIS E NOVAS ROTINAS DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA
- 131 A POLIVALÊNCIA E O IMEDIATISMO ENQUANTO INDUTORES DE DESCOMPETENCIALIZAÇÃO NO JORNALISMO  
Tiago Lima Quintanilha
- 140 DISPUTAS NAS FRONTEIRAS DO JORNALISMO  
Joaquim Fidalgo
- 151 A RECONFIGURAÇÃO TECNOECONÓMICA DAS PAISAGENS MEDIÁTICA E SONORA: UMA INTRODUÇÃO CRÍTICA À EMERGÊNCIA DO *PODCASTING* NO CAMPO JORNALÍSTICO PORTUGUÊS  
Diogo Silva da Cunha e Joana Ramalho
- 163 V – JORNALISMO, DEMOCRACIA E POPULISMO
- 165 OS MEDIA SÃO O OXIGÉNIO DO PÂNICO PANDÉMICO?  
Jacinto Godinho
- 179 OS MEDIA DEPENDEM DE “MÉTRICAS” QUE OS POLÍTICOS POPULISTAS MANIPULAM - E ISSO NÃO DEVIA SER UM CÍRCULO VICIOSO  
Paulo Pena
- 196 POPULISMO E MEDIA  
José Rebelo
- 206 POPULISMO, JORNALISMO E ELEIÇÕES  
Carla Baptista
- 219 VI – OS VALORES DO JORNALISMO
- 221 O RESGATE DO JORNALISMO: LUCRO SOCIAL E FINANCEIRO DO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO  
Pedro Coelho e Marisa Torres da Silva
- 236 PARA UM DEBATE SOBRE O FINANCIAMENTO DOS MEDIA  
Sandra Monteiro
- 246 DILEMAS E DESAFIOS DOS JORNALISTAS PORTUGUESES NUM AMBIENTE COMUNICACIONAL EM MUDANÇA  
João Miranda

# INTRODUÇÃO

JOSÉ NUNO MATOS

FILIPA SUBTIL E CARLA BAPTISTA

Este livro surge na sequência de um anterior, publicado em 2017, intitulado *A Crise do Jornalismo em Portugal*. A boa receção dessa obra levou a que a editora Outro Modo e os organizadores deste volume avançassem para um projeto mais ambicioso que assegurasse uma reflexão sistemática sobre o estado dos media e da intermediação jornalística em Portugal. O objetivo é manter uma série temática que dê conta das dinâmicas, disfunções e défices do jornalismo contemporâneo. Podiam ser esses os 3 D a orientar os 19 textos incluídos, sendo que 16 são inéditos e os restantes reedições do volume anterior, mas revistos, atualizados e ampliados. Este segundo volume recupera, para a inverter, a promessa revolucionária de liberdade, democracia e equidade social. Esse imaginário produziu uma transfiguração real do país, traduzido no melhoramento de todos os indicadores sociais de bem-estar. Respondeu a um programa urgente na história portuguesa, no qual os media da altura participaram como atores relevantes. É um projeto inacabado, que o jornalismo convoca como destino e vocação nos seus momentos de sobressalto, mas do qual se vem ausentando na prática. Este livro trata das causas instaladas que vêm provocando essa rasura da memória nos papéis sociais do jornalismo, mas inclui a reflexão sobre o surgimento de novos fenómenos. Um sabor amargo atravessa o título, pois a Desigualdade, a Desprofissionalização e a Desinformação são hoje os males maiores do jornalismo. Estas forças, contrárias aos 3 D de abril – Democratizar, Descolonizar e Desenvolver – comprometem o âmago da sua missão social e da sua orientação pública.

A prevalência destas tendências está a desfigurar o jornalismo em várias direções. A sua intensificação e conjugação criam ameaças sérias para a sobrevivência da profissão, dos jornalistas e da democracia. A desigualdade afeta os discursos e as representações, contamina a estrutura laboral, cada vez mais vulnerável a pressões económicas e políticas. A desprofissionalização mina os valores éticos e sacrifica uma geração de jovens jornalistas, socializados em estágios pouco integradores e empurrados para situações de preca-

riedade. A desinformação amplia a disrupção populista, erodindo a democracia. É difícil abdicar da velha crença de que o jornalismo exercido em contextos eticamente regulados, politicamente livres e socialmente justos é um campo de resistência. A atualização do pensamento dos autores reunidos no primeiro livro e a reflexão trazida pelas novas contribuições que enriquecem a presente obra apontam num sentido contrário. A cedência aos ditames do mercado, a desconsideração dos riscos para o pluralismo mediático e a diversidade cultural, a crise financeira das empresas e identitária dos jornalistas, a capitulação perante as lógicas de monetização de conteúdos impostos pelas plataformas digitais, a prevalência de desigualdades estruturais ao nível da representação dos sujeitos noticiados e da distribuição de capital e poder, as baixas expectativas profissionais geradas pela precariedade, baixos salários e ambientes redatoriais pouco estimulantes, são linhas que desenham uma crise sistémica.

O recurso ao termo *crise* neste diagnóstico não constituiu uma peculiaridade desta obra. Além de outras publicações nacionais<sup>1</sup>, uma série de estudos a nível internacional utilizam o mesmo conceito na análise da diminuição do número de vendas de publicações em papel, na redução do interesse de financiadores, em particular da publicidade, no encerramento de empresas e despedimento de profissionais; ou, paralelamente, na proposta de soluções que possam reverter este cenário<sup>2</sup>. Alguns dos elementos que suscitam a invocação de um estado de crise do jornalismo não são recentes. As mudanças implicadas pela tecnologia, por exemplo, são prevalentes na história dos media. Os receios provocados não são novos, conforme se verificou com o aparecimento da rádio e da televisão. Em ambos os casos, como realça Barbie Zelizer, “as sugestões de

um momento transformador definitivo, pelo menos na medida em que este implicava o desaparecimento do meio precedente, foram exageradas e prematuras.”<sup>3</sup> A autora encara estes fenómenos como desafios, os quais “muitas vezes entendidos como crises, têm sido principalmente vistos como pontos de viragem transformadores que ameaçaram e depois provaram a capacidade de resistência do jornalismo”<sup>4</sup>. A resiliência do jornalismo, nomeadamente dos que o praticam todos os dias, não pode ser descurada, mas dever-se-á ter em conta os resultados práticos desta postura no quotidiano das redações.

As múltiplas aceções atribuídas à ideia de *crise* desde a Grécia Antiga remetem, no essencial, para duas ordens de sentidos: um mais escatológico, prenunciativo de uma mudança imanente; outro mais estrutural, referente a uma constante recorrência de crises<sup>5</sup>. A crise do jornalismo tende, a nosso ver, a aproximar-se desta última. A opção por este conceito deve-se não só ao reconhecimento de uma índole reprodutora, mas às suas implicações. Neste sentido, mais do que a mera recorrência, verifica-se uma acumulação, *ruína sobre ruína*<sup>6</sup>, e reforço das suas manifestações. O objetivo desta obra é, precisamente, analisar esta tendência.

O conflito entre um saber-fazer jornalístico, orientado segundo uma deontologia própria da profissão, e os critérios impostos por administrações empresariais não constitui, propriamente, um dado novo. Uma série de mudanças verificadas tanto no setor, como nas suas áreas limítrofes, são responsáveis por um aumento desta tensão. Este fenómeno reflete, em primeiro lugar, o confronto do jornalista com um novo ecossistema mediático, marcado pela entrada em cena de novos atores (plataformas digitais ou banca) e manutenção de velhos (agências de publicidade e de comunicação) que, conforme analisado respetivamente por Elsa Costa e Silva e Vasco

1 CARDOSO, G., SANTOS, S., TELO, D. (2016), *Jornalismo em Tempos de Crise*, Lisboa, Mundos Sociais.

2 SILES, I., BOCZKOWSKI, P. (2012), “Making sense of the newspaper crisis: A critical assessment of existing research and an agenda for future work”, *New Media & Society*, 14, 8, 1, pp. 375-1394.

3 ZELIZER, B. (2018), “Crise, incerteza e jornalismo”, *Electra*, 4, p. 102.

4 Ibidem, p. 98.

5 KOSELLECK, R. (2006), *Crisis*, *Journal of the History of Ideas*, 67, 2, pp. 357-400

6 BENJAMIN, W. (2010), “Sobre o conceito de História” In *O Anjo da História*, Lisboa, Assírio e Alvim, p. 13.

Ribeiro, exercem um papel determinante no processo de produção e distribuição de notícias. Esta relação decorre num novo quadro tecno-mercantil, dominado pelo capitalismo de plataforma, para retomar os termos de José Luís Garcia e Sara Meireles Graça, no seio do qual a intermediação realizada pelo jornalismo tem sido, por um lado, impelida à multiplicação de conteúdos (já não apenas de notícias) fabricados ao minuto e, por outro, minada pelos sistemas algorítmicos.

A dificuldade em contrariar este processo deve-se, em parte, a uma crescente fragilização da força de trabalho jornalística, manifesta na manutenção dos padrões de desigualdade existentes nas redações. Em primeiro lugar, como se constata nos diagnósticos apresentados por Carla Martins, Filipa Subtil e Maria João Silveirinha, as jornalistas continuam a enfrentar múltiplas limitações no que respeita ao acesso a cargos de direção, progressão na carreira ou valores remuneratórios. Este fenómeno, por sua vez, reflete-se numa produção informativa incapaz de colocar em causa valores hegemónicos dominantes, conforme a análise proposta por Rita Basílio de Simões. A par da desigualdade de género, verifica-se, em segundo lugar, o aumento dos jornalistas sob vínculos temporários. Se, outrora, e a avaliar pela condição dos ex-jornalistas analisados por José Nuno Matos, este tipo de contratos predominavam durante os primeiros anos de profissão, atualmente parecem enformar todo um percurso marcado pela instabilidade e incerteza. Os efeitos da atual crise pandémica, num contexto em que os sinais de recuperação da crise anterior ainda são tão frágeis, poderão conduzir, segundo os dados apresentados por Carlos Camponez e Madalena Oliveira, a um aumento da precariedade e à insatisfação e desesperança entre estes profissionais. A acumulação destas condições e sentimentos pode implicar o abandono da profissão ou a mobilização político-sindical em torno da mesma, semelhante à realizada pelos trabalhadores precários da RTP, descrita por Nelson Silva.

O processo de desprofissionalização a que os jornalistas têm vindo a ser sujeitos não diz respeito apenas aos próprios. A prece-

riedade convida a uma lógica de subjugação em cadeia – de trabalhadores a diretores, de diretores a administradores e de administradores ao mercado – que, todos os dias, vemos refletida no jornal, na televisão ou no telemóvel. A rotina de produção do jornalista, a avaliar pelo estudo de Tiago Lima Quintanilha, adapta-se aos ritmos impostos por novas tecnologias digitais, conduzindo a uma maior pressão no acompanhamento do fluxo contínuo de informação e, paralelamente, a um produto mais generalista e estandardizado, cada vez menos alinhado com os valores e objetivos do jornalismo. Tais condições, como descreve Joaquim Fidalgo, propiciam o recurso a conteúdos outrora estranhos (como os oriundos de agências de comunicação) mas que, no atual contexto, acabam por responder à compressão de tempo enfrentada pelos jornalistas. Perante um produto noticioso cada vez menos distinto, existe uma maior concorrência de outros géneros discursivos e epistemologias (o humor, por exemplo), localizados numa região de fronteira com o jornalismo, na disponibilização de informação sobre temas da atualidade, localizados numa região de fronteira com o jornalismo. O desafio às classificações convencionais de *jornalista* ou *jornalismo* é igualmente presente, seguindo a análise realizada por Diogo Silva da Cunha e Joana Ramalho, na emergência de novos formatos, como o *podcast*, que vêm, precisamente, articular entretenimento e informação.

A procura por mais uma visualização, *like* ou partilha nas redes sociais, fatores essenciais à reputação tanto do jornalista, como do meio junto do público e de investidores, incentivam uma lógica de *infotainment* e de exposição sensacionalista de temas. O terrorismo ou a pandemia covid-19 constituem, de acordo com Jacinto Godinho, exemplos de objetos que, ao invés de um pensamento sistémico capaz de traduzir a sua complexidade, acabam por ser reportados por um *jornalismo de matilha*, seguidista do contágio emocional propagado noutro tipo de meios. A noticiabilidade, como explica Paulo Pena, passou a ser determinada pelos dados do Chartbeat ou do Google Analytics, ou seja, escreve-se sobre o que

está a dar que falar nas redes sociais, independentemente de quem se encontra por trás dos perfis, porventura falsos. Estes novos critérios de *agenda-setting* promovem um tipo de argumentação tão simplista (e muitas vezes desonesto) quanto impactante, conforme exemplificado pela retórica populista de líderes como Donald Trump ou de partidos como o Chega, uma temática abordada por José Rebelo e Carla Baptista.

A consciência destes perigos tem conduzido a um debate sobre o futuro do jornalismo. Ao invés de soluções a curto-prazo, à distância de um *click*, é importante começar por considerar os benefícios económicos de um jornalismo de qualidade, como realçam Pedro Coelho e Marisa Torres da Silva. Este reconhecimento é difícil de obter mediante o atual modelo de financiamento dos meios de comunicação social, inteiramente dependente do interesse de privados ou de incentivos episódicos da parte do Estado, como a de compra de publicidade. As propostas avançadas pelos gestores de alguns dos maiores grupos de media em Portugal parecem apostar, segundo a análise de Sandra Monteiro, num reforço do investimento público sem que quaisquer garantias da aplicação desses fundos num jornalismo de qualidade sejam contempladas. Independentemente dos caminhos futuros, provavelmente peçados de percalços, qualquer solução a adotar, como defende João Miranda, depende de um debate alargado em torno da profissão, partindo de dinâmicas sólidas de diálogo, organização e autorregulação dos seus responsáveis.

O cenário anterior não invalida o essencial: só se faz jornalismo com jornalistas e leitores, e ambos precisam de ser protegidos. Este livro oferece por isso uma nova visão de um trajeto já percorrido na edição anterior: entre a crise e a ameaça sistémicas, o jornalismo é hoje, além de uma prática profissional, um campo social e uma disciplina académica que acumulou suficientes saberes para resistir com inteligência e coragem.